

COMISSÃO DE ESTUDOS DE TESTES
E PESQUISAS PSICOLÓGICAS

CADERNO 7

PRONAPA

PROGRAMA DE TESTES NA ESCOLA



FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS

P/ISOP
CETPP
C
7
AB

INSTITUTO DE SELEÇÃO E ORIENTAÇÃO PROFISSIONAL

BIBLIOTECA	
FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS	
DATA	NOME DE CHAMADA
23-1-69	
N.º DO VOLUME	
67/69	
REGISTRADO POR	
Damin	

N O T

Com o objetivo de melhor divulgar conhecimentos e informações a respeito da utilização dos testes e medidas no campo da psicologia e da educação, a Comissão de Estudos de Testes e Pesquisas Psicológicas (C.E.T.P.P.), do Instituto de Seleção e Orientação Profissional (I. S. O. P.), programou uma série de publicações para serem distribuídas nos meios educacionais, atendendo à deficiência de material acessível aos professores, diretores, orientadores, pedagogos e psicólogos de modo geral.

Estes cadernos fazem parte de um programa que está sendo realizado pela Fundação Getúlio Vargas em cooperação com a Fundação Ford, com o propósito de promover pesquisas educacionais, criar um Centro de Testes e Pesquisas Psicológicas, aperfeiçoar pessoal especializado e proporcionar estágios de treinamento a psicólogos e orientadores interessados na pesquisa educacional.

Os temas e assuntos foram selecionados atendendo aos interesses dos profissionais que trabalham no campo da psicologia e da educação.

19436-3

AC-16325

ID27437



PROGRAMA DE TESTES NA ESCOLA

I — CONSIDERAÇÕES GERAIS

Todo programa implica em sistema, ordem e planejamento, devendo ser bem estruturado e, sobretudo, ser bem definido quanto aos seus objetivos. Assim, qualquer programa de testes na escola deverá ter objetivos próprios, específicos, além de estar integrado num programa de educação geral.

Poderá ter várias finalidades, como a de avaliação do processo de aprendizagem dos alunos, de controle do rendimento escolar, de seleção das classes, de diagnóstico das dificuldades de adaptação escolar ou de orientação vocacional.

De modo geral, um bom programa de testes deve ser prático, econômico, flexível, procurando utilizar recursos e técnicas válidas e adequadas, pois de nada valerá aplicar baterias de testes que não tragam contribuição real para os objetivos propostos.

Seria interessante lembrar alguns dos problemas que os professores procuram solucionar, a fim de avaliarem a utilidade das informações trazidas pelos testes:

- Qual será o melhor programa de ensino para uma determinada criança?
- Em que nível deverá ser dado tal curso ou tal matéria?

- Qual o método de ensino mais adequado para determinado aluno?
- Quais as dificuldades de aprendizagem que apresenta tal aluno?
- Quais as aptidões deste adolescente?

Para bem aproveitar, contudo, estas informações, temos que considerar os testes como recursos e técnicas sistemáticas que servem para observar, registrar e explicar, de certa forma, a conduta humana. O educador, interessado em orientar os alunos e ajudá-los nas suas decisões escolares ou vocacionais, poderá em muito beneficiar-se de um programa de testes, seja este constituído de testes de inteligência, de rendimento escolar, de aptidões académicas, específicas ou de interesses.

Os testes utilizados na escola possibilitarão medir o desenvolvimento e o progresso dos alunos em relação aos objetivos educacionais, diagnosticar as suas áreas positivas e negativas, fazer o levantamento dos perfis das aptidões académicas, permitindo, assim, a avaliação do próprio ensino e dos programas escolares.

II. ETAPAS DE UM PROGRAMA DE TESTES NA ESCOLA

● *Determinação dos objetivos propostos*

Um programa de testes na escola deve ser cooperativo, ou seja, os membros do corpo docente e da direção devem participar da definição dos seus objetivos, o que acarretará um maior interesse e participação dos professores pelo próprio programa. No caso de sistemas mais amplos, poderão ser constituídas comissões que ficarão encarregadas da formulação do esquema geral. Por outro lado, a colaboração do professor é importante, uma vez que um programa de testes na escola não só implica na utilização de testes padronizados, como também de provas objetivas, elaboradas pelos próprios professores.

Um programa de testes na escola deve, ainda, ser prático, visando conseguir os dados e informações necessárias, de acordo com as finalidades propostas, bem dosado, sem ser pretensioso, no sentido de não querer cobrir inúmeras áreas nem ser por demais extenso, incluindo testes em demasia e com objetivos muito vagos. A continuidade do programa possibilitará o acompanhamento sistemático dos alunos.

● *Seleção das técnicas e testes adequados*

Antes de selecionar os testes é importante considerar:

- quem pode selecionar os testes?
- que tipos de testes podem ser usados?
- qual o melhor processo para fazer a seleção dos testes?

Quanto à primeira pergunta, podem selecionar os testes: o psicólogo escolar, o orientador, enfim, o responsável pelo programa, sendo sempre preferível que essa seleção seja feita em equipe, a fim de neutralizar, de certo modo, a persistência de erros em determinada escolha, seja por limitações do conhecimento de outras técnicas, ou, então, por preferências do próprio programador. Quanto à escolha dos tipos de testes, naturalmente, vai depender dos objetivos do programa, porém, mais de um tipo é sempre preferível, mesmo porque cada tipo de testes tem vantagens e limitações, não sendo nenhum deles igualmente bom para todos os propósitos.

Para melhor selecionar os testes convém que o material dos mesmos seja cuidadosamente examinado e, sobretudo, comparado quanto à sua validade, fidedignidade e utilidade.

Será interessante, então, definir quais as características básicas dos testes de rendimento escolar, de inteligência, de interesses, de aptidões, para poder julgar

quais os mais oportunos e adequados para determinada escola. Um teste de rendimento escolar mede aquilo que o indivíduo aprendeu: o produto do ensino, por assim dizer, sendo o objetivo dêste teste o de avaliar a eficácia do ensino ou treinamento. E quanto mais êle refletir o que foi ensinado mais poderá medir o que se propõe, ou seja o rendimento daquele aluno. Êstes testes, entretanto, implicam também num comportamento inteligente, uma vez que é preciso a inteligência para procurar, por exemplo, o número que falta num problema de séries numéricas, ou para lembrar qual o presidente que propôs tal ou qual doutrina política, ou a peça que combina com tal estrutura mecânica. Assim, tanto os testes de rendimento, de aptidões ou de inteligência podem medir a probabilidade de êxito ou fracasso em futuras aprendizagens, o que nos leva a pensar que testes de inteligência são testes de aptidões, testes de rendimento são testes de aptidões e testes de aptidões, naturalmente, são testes de aptidões.

— Como poderíamos então diferenciar êstes tipos de testes?

Um ponto de partida inicial seria a análise do conteúdo, que não é dos mais válidos, uma vez que encontramos testes de compreensão aritmética na maioria das baterias de escolaridade; um dos subtestes da Escala de Inteligência de Wechsler mede a compreensão aritmética. O professor que ensina seus alunos a resolver problemas aritméticos, tem razão quando afirma que os resultados obtidos nestas provas representam rendimento, tanto da parte dos alunos, como dêle mesmo. Por outro lado, a aprendizagem das habilidades é sinal de inteligência e ainda o possuir estas habilidades demonstra que existe uma aptidão que leva a uma futura aprendizagem nestas mesmas matérias ou em outras. Por exemplo, os escores do teste de ortografia do D. A. T. fornecem elementos para prever sucesso na estenografia.

Tomando por base para diferenciar êstes testes outro aspecto, como o procedimento, ou seja, o que o indi-

víduo deve fazer, poderemos dizer que o rendimento é medido, quando o indivíduo é testado para relembrar aquilo que ele aprendeu, e que a inteligência é revelada pela habilidade que tem para generalizar, partindo de fatos. Todo educador moderno rejeitará esta classificação, pois raro é o currículo que não pretende desenvolver a habilidade para generalizar e aplicar os princípios aprendidos a novas situações. Processos como o de reconhecimento, evocação, repetição podem ser perfeitamente distinguidos dos processos de generalização, apreciação, resolução de problemas mas, aparentemente, não são satisfatórios para diferenciar a inteligência do rendimento.

Quanto à função, ou seja, como os resultados dos testes vão ser utilizados é importante considerar que se a função de um teste é a de registrar a execução presente ou passada, o que é medido pode ser chamado de rendimento ou de nível de escolaridade. Se, contudo, quisermos fazer inferências sobre a futura aprendizagem, o que é medido é chamado de aptidão. Quanto maior for a similaridade entre o que foi aprendido e o que deverá ser aprendido, tanto melhor um teste de rendimento serve ao objetivo de avaliar a aptidão. Assim, por exemplo, um teste de rendimento no 1º grau de álgebra poderá ser um excelente teste de aptidão para o 2º grau de álgebra. Por outro lado, este teste não poderá prever o rendimento em francês, nem poderá ser efetivamente usado para prever o sucesso escolar antes que os estudantes tenham tido contato com a álgebra, impondo-se, no caso, outras medidas de avaliação de aptidão. Concretamente, poderemos dizer que testes de rendimento podem funcionar melhor como medidas de aptidão nos primeiros anos escolares, menos no curso médio e, ainda menos, no curso superior, onde há uma crescente diferenciação de níveis.

Convém selecionar testes de rendimento em matérias importantes e utilizá-los como previsores de sucesso escolar, sobretudo, quando houver aproximação e identidade entre os cursos passados e futuros.

Há testes de aptidões que utilizam a combinação de medidas verbais e numéricas, que são chamados testes de inteligência e nos meios educacionais testes de aptidão acadêmica ou escolar, exemplificando: na medida em que vários cursos pressupõem habilidade verbal e numérica para uma aprendizagem bem sucedida, um teste que meça estas aptidões certamente será útil. Mesmo nos níveis mais elevados, a aprendizagem e o rendimento são muito influenciados pela capacidade de raciocínio e expressão verbal dos estudantes, com exceção dos cursos em que o rendimento é avaliado mais na base daquilo que o estudante consegue fazer, do que naquilo que pode falar ou escrever.

Uma outra alternativa de escolha de testes para um programa na escola seria a utilização das baterias de testes de aptidões diferenciais que, em geral, incluem medidas de aptidões verbais, numéricas, mecânicas, de rapidez de percepção, de raciocínio abstrato e espacial. Estas baterias fornecem dados relacionados às diferenças individuais, pressupondo que um estudante pode ter rendimento superior na prova de habilidade verbal, classificar-se em zona média no setor numérico e ser muito fraco em velocidade e rapidez, ou em raciocínio mecânico. Elas provêem, ainda, uma cobertura mais ampla das funções mentais do que aquela obtida através dos testes de aptidões tão somente acadêmicas.

Em última análise, a escolha dos testes estará na dependência direta do que se pretende atingir: — será apenas uma avaliação da probabilidade de sucesso na classe de inglês? Então, um teste de aptidão acadêmica é suficiente. Quando se impõe uma orientação vocacional é interessante programar testes de inteligência, de aptidões e de interesses.

● *Aplicação das provas e testes:.*

Dependendo do programa e dos tipos de testes, podemos dizer, de modo geral, que testes de inteligência devem ser criteriosamente aplicados (quando houver sig-

nificativas diferenças nos resultados é conveniente planejar um reteste) e testes de maturidade são oportunos no início da aprendizagem escolar. A aplicação de testes de rendimento e aproveitamento escolar é a mais frequente, sendo interessante estabelecer normas de comparação entre os anos sucessivos de aplicação.

Quanto à questão de quem deve aplicar os testes, por princípio, quem estiver apto e for competente para fazê-lo, além de devidamente treinado para este fim. De acordo com o atual critério de atribuições profissionais, testes de rendimento escolar, poderão ser aplicados pelos professores; inventários de interesses, testes de inteligência coletivos, testes de aptidões escolares, pelos orientadores e testes de aptidões específicas, de personalidade, de inteligência individuais, pelos psicólogos.

Quanto ao procedimento a seguir: o ambiente deverá ser controlado, o horário pré-determinado e respeitado, evitando-se interrupções e motivos de distrações dos alunos, as instruções respeitadas e as observações anotadas sobre o comportamento dos indivíduos, durante a aplicação das provas.

● *Correção das provas e testes:*

A respeito dos cuidados na correção deve ser observado o seguinte: todas as precauções são necessárias para assegurar um alto grau de exatidão na correção, pois há sempre possibilidade de ocorrência de dois tipos de erros de correção — os constantes e os casuais. Um exemplo dos primeiros, é o da má compreensão das instruções para correção; os erros sistemáticos são sérios, porque não há possibilidade de compensação. Os erros casuais, como aqueles resultantes de descuidos na contagem e soma dos escores, prejudicam as avaliações individuais, mas tendem a ser neutralizados nas médias de grupo.

Quanto às chaves de correção deverão ser sempre estudadas, sendo preferível, quando a correção é feita

em grupo, que cada avaliador corrija só uma parte ou página do teste, para reduzir a possibilidade de erro e aumentar a rapidez da correção. É preciso fazer sempre um controle da correção e da conferência dos resultados totais.

● *Análise e interpretação dos escores*

A análise e interpretação dos escores são processos paralelos. A análise seria inútil sem a interpretação, e esta, impossível sem a análise, tanto gráfica, como estatística. É preciso atentar para os seguintes aspectos da análise e interpretação dos escores:

- classificação e tabulação dos escores;
- análise estatística de resultados;
- análise gráfica e interpretação;
- uso de normas e padrões;
- análise de erros.

● *Contrôle dos resultados (técnica do reteste)*

O controle e avaliação do programa de testes na escola é muito importante, através do reteste, a fim de contornar as deficiências encontradas e verificar o próprio sucesso do programa. Esta é uma das etapas mais esquecidas, talvez devido à deficiência de tempo, de especialistas e do grande volume de trabalho que já representa o próprio programa de testes proposto.

● *Observações:*

No tocante às anotações e registros de dados e informações obtidas é importante que sejam feitas sistematicamente, uma vez que deverão estar preparadas para os próprios alunos, para os pais e professores, a fim de facilitar o controle do rendimento escolar e os progressos de escolaridade dos alunos.

III — USO DOS TESTES NA ESCOLA

Cada comunidade escolar poderá ter o seu programa de testes, dependendo da estrutura e necessidades dos diversos grupos.

É preciso deixar bem claro que a utilização de testes padronizados não pretende substituir um efetivo programa de avaliação planejado pelo professor da classe, através das provas de controle do rendimento escolar.

O teste por ser um instrumento padronizado torna possível a comparação sistemática do comportamento de duas ou mais pessoas e como certos procedimentos controlam a construção, a aplicação, a correção e a interpretação desses testes pode-se obter comparações mais apuradas entre os indivíduos.

Entretanto, é preciso notar que apesar da sistematização dos procedimentos relacionados aos testes, estes ainda apresentam certas limitações que não podem ser ignoradas. Entre essas mencionam-se as seguintes:

- inadequação dos itens utilizados como amostra dos interesses, potencialidades, características de personalidade do indivíduo;
- inadequação da amostra em que o teste foi padronizado;
- influências culturais;
- estado psicológico do indivíduo durante a aplicação do teste;
- aplicação ou correção incorretas;
- inadequada interpretação dos resultados.

Por outro lado, poderemos também mencionar certos enganos relacionados com o uso dos testes como, por exemplo, a confiança exagerada em determinados testes, ou o inverso, que leva a um descrédito e des-

valorização; a simplificação exagerada em relação aos testes, julgando que qualquer pessoa pode aplicar e interpretar qualquer teste; o deixar-se impressionar apenas pelo título do teste, sem procurar estudar o manual do mesmo; a generalização do uso de determinados testes em tipos de orientação, onde não era necessária a sua aplicação, como, por exemplo, o uso indiscriminado de testes de personalidade projetivos.

Existem diversos tipos de testes, dentre os quais os de lápis e papel, onde as respostas são dadas pelo indivíduo por escrito, em contraposição aos testes de execução que envolvem a realização de uma tarefa por meio de material ou aparelhos apropriados, os testes projetivos onde os estímulos são indeterminados, a fim de favorecer no indivíduo a projeção das suas características pessoais; os testes objetivos, onde os estímulos são determinados; os testes individuais ou coletivos, aplicados individualmente ou em grupos.

Nas escolas são mais utilizados os testes coletivos, de lápis e papel, objetivos, dada a facilidade de utilizar estas técnicas, permitindo testar um maior número de indivíduos, em menor tempo e implicando numa correção mais simples.

Os testes podem ter diversas finalidades:

- medem a habilidade mental ou aptidão para o trabalho escolar ou sucesso escolar e se compõem de questões relacionadas a assuntos não necessariamente dados na escola. Alguns testes tem dois sub-escores, o primeiro para a aptidão verbal, e o segundo para a aptidão numérica; outros apresentam tipos de provas adicionais de raciocínio espacial, memória, raciocínio mecânico e assim por diante, medem o rendimento nas matérias escolares como leitura e aritmética na escola primária, inglês, história, álgebra, física, geometria, estudos sociais, na escola secundária ou superior.

- medem os interesses, preferências dos alunos, sobretudo, em relação às futuras profissões ou ocupações, sendo os resultados, de modo geral, expressos em forma de perfis que revelam a intensidade dos seus interesses, permitindo a comparação com outros perfis de pessoas bem sucedidas nas suas várias ocupações;
- medem características de personalidade, investigando as tendências de cada aluno, tipos de personalidade, índices de ajustamento e de adaptação, através de inventários, questionários ou testes padronizados, projetivos, gráfico-expressivos e situativos.

Quanto à utilização dos resultados obtidos por um programa de testes na escola poderá ser feita pelos professores, orientadores, diretores, pais, psicólogos e pelos próprios alunos.

Os diretores de escola utilizam-se dos testes, como meio de manter o chamado "contrôle qualitativo" sobre o sistema escolar, observando a média dos escores dos testes dos grupos de classes e da escola, como um todo, em relação às normas e padrões das demais escolas, a direção obtém informações sobre o nível de eficiência do seu grupo escolar.

Poderão os diretores, através da análise dos resultados dos testes, planejar a melhoria do sistema educacional, do programa de ensino, e das técnicas e métodos empregados.

Esta análise poderá também incentivar a relação da escola com a comunidade, fazendo com que os pais e professores participem igualmente do trabalho da escola.

Os professores podem utilizar os resultados dos testes para ter melhores informações sobre as aptidões dos alunos em todas as classes, podendo comparar os

resultados dos testes de aptidões acadêmicas, com os de rendimento, fazendo um melhor diagnóstico das dificuldades dos alunos a fim de planejarem técnicas e recursos de reeducação.

Assim, por exemplo, se um aluno obtém em provas de vocabulário e compreensão escores altos e no testes de leitura, um escore muito baixo, é de se supor que será preciso atacar a área de leitura, já que as demais informações comprovam dificuldades nesta área de aprendizagem.

É sempre importante relacionar o rendimento escolar com a capacidade de aprender do aluno, com o nível do currículo da escola e os testes utilizados, uma vez que o conceito de fracasso escolar é relativo, e tanto a escola como o aluno podem estar envolvidos nesta situação.

No que diz respeito ao uso dos testes no processo da orientação, servem eles para o levantamento das aptidões, interesses e características pessoais dos alunos, visando informar os pais, orientar não só os próprios alunos, como os professores, além de preceder ao estudo individual dos casos.

Quanto à relação do programa de testes com o desenvolvimento do currículo da escola, podemos dizer que só será válido na medida em que os objetivos do currículo forem testados, devendo cada área de aprendizagem ser considerada separadamente.

Através das normas estabelecidas e dos perfis individuais, o professor poderá identificar os pontos positivos e negativos dos seus alunos, assim como localizar as áreas de dificuldades de aprendizagem.

Muitos autores levantam o problema — “ensinar para o teste” o que, entretanto, não deverá ocorrer, pois o professor deverá estar interessado em saber a possi-

bilidade de rendimento e aprendizagem dos alunos, não visando apenas que eles acertem e sejam bem sucedidos nos testes.

IV — CONCLUSÕES

Um programa de testes na escola deverá ter objetivos bem definidos, ser bem planejado, executado e bem aproveitado, quanto aos seus resultados. Deve, na medida do possível, contar com a participação da direção da escola, dos professores, orientadores e psicólogos, uma vez que estão todos empenhados em ajudar o aluno e favorecer as suas aprendizagens escolares, além do seu ajustamento pessoal e social.

Um programa de testes eficaz dependerá da correta seleção dos testes, da rigorosa aplicação e correção dos mesmos, além da criteriosa utilização dos resultados obtidos.

N.Cham. P/ISOP CETPP C 7

Título: Programa de testes na escola.



00027437

16325

FGV - BMHS AB

Nº Pat.:67/69

BIBLIO
FUNDA

19 JUN 75 +

PRONAPA

Editado pela Fundação Getúlio Vargas
Praia de Botafogo, 186 — ZC-02 — RIO — GB

Compreendido por C'a. Editora Americana
Rua RJ — GB.